



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

IMPLICAÇÕES DO "MOSTRAR-SE" DE SUJEITOS LGBT NO ÂMBITO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO

Mônica Valéria Araujo dos Santos (1); Betânia Maria Oliveira de Amorim (2)

Universidade Federal de Campina Grande/ UFCG

valeriamonica88@hotmail.com

Resumo Neste trabalho buscamos problematizar os encadeamentos percebidos no âmbito escolar no trato com sujeitos declarados homossexuais, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, realizada em duas escolas, o Colégio Municipal Padre Galvão e o Colégio Afonso Campos, ambas na cidade de Pocinhos- PB. A pesquisa se deu a partir de uma revisão da literatura, seguida da realização de uma entrevista semi-estruturada com dois professores e dois alunos pertencentes às instituições acima mencionadas. Nosso estudo buscou evidenciar as práticas de preconceito, discriminação, homofobia e lgbtfobia no contexto escolar, direcionadas aos sujeitos que deixam-se "mostrar" nesse ambiente, de forma que torna-se mais confortável para eles não demonstrarem sua sexualidade. Assim, pretendemos apontar possíveis circunstâncias e inferências desse "não aparecer" para os sujeitos, a relação destes com a escola e as possibilidades de mediação do professor e do profissional de psicologia. Tomando como referência a experiência vivenciada nas duas escolas, anteriormente referenciadas, no tocante aos temas sexualidade de sujeitos LGBT, podemos perceber que a omissão da Escola, o despreparo dos professores e os casos de lgbtfobia são realidades próprias da nossa sociedade, e não apenas de determinado contexto regional. Observou-se que é dado um trato diferenciado aos sujeitos que se colocam numa posição de discrição de práticas discursivas e comportamentais no que concerne à sua sexualidade, de forma que, ao evidenciarem determinadas performatividades de gênero, são hostilizados e rechaçados. Episódios de comportamento lgbtfóbico são recorrentes nos dois estabelecimentos de ensino, assim como as declarações lgbtfóbicas por parte de alunos, professores e funcionários.

Palavras-Chave: Sujeitos LGBT; Escola; Performatividade.



INTRODUÇÃO

Compreender as implicações que envolvem os conceitos de gênero e sexualidade faz-se necessário e relevante ao possibilitar-nos apreender as relações estabelecidas socialmente entre os sujeitos, enquanto uma construção sócio-histórico-cultural, dado que envolvem uma complexidade que transpõe o aspecto biológico do corpo, abrangendo a história de vida, os costumes, as relações, as emoções, a afetividade. A sexualidade, enquanto uma construção histórica, se configura como um dispositivo de poder da modernidade, respaldado por práticas discursivas e não discursivas, que fundam uma percepção do indivíduo como sujeito de uma sexualidade, de saberes e poderes que visam normatizar, controlar e instaurar verdades sobre este sujeito, em sua relação com o corpo e com os prazeres (FOUCAULT, 2007). Nesta perspectiva, o autor argumenta que mecanismos específicos de saber e poder centrados no sexo (limitado ao dualismo feminino e masculino, que se constituía enquanto "normal") produziram discursos normativos sobre a sexualidade.

O surgimento do Movimento Feminista, a partir dos nos 70, abriu possibilidades de discussões sobre o conceito de gênero, passando a questionar e problematizar as representações tradicionais que definem o que é ser mulher ou ser homem. Nesse contexto, torna-se urgente suplantar a noção construída acerca do gênero, de que este denota uma verdade sexual imersa em uma normalidade binária, estritamente relacionada ao gênero masculino ou feminino (BUTLER, 2009). Para esta autora essa concepção dualista está permeada de atribuições políticas determinadas como procedência e causas para naturalizar categorias de identidades masculinas e femininas, ditando qual deve ser o comportamento socialmente aceitável de homens e mulheres. O corpo influiria na idealização de signos, no reforço de condutas que constituem e autorizam noções precedentes de gênero. O corpo seria, então, seguimento da conduta de fala e do seu ritual, situando um lugar epistemológico, ontológico e político, tornado-se passível de legitimação e normatização.

Nessa perspectiva, ao estabelecer o que seria socialmente aceitável, enquanto "normal", a sociedade exclui os sujeitos diferentes, estigmatizando-os, elaborando representações sociais equivocadas, produzindo preconceitos em relação ao outro/desconhecido, que podem vir a fundamentar ações discriminatórias. Assim, o julgamento antecipado fundado numa lógica de exclusão



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

desse outro, partindo do que seria aceitável no âmbito social, pode evidenciar por consequência, a aniquilação ou comprometimento dos direitos fundamentais do mesmo.

Interessa-nos, portanto, pontuar as divergências percebidas no âmbito escolar, no trato com sujeitos LGBT que expõem publicamente a sua sexualidade. Para tal, intentamos analisar as estratégias de posicionamento de sujeitos LGBT mediante suas narrativas de gênero e sexualidade como performatividades, de maneira a verificar se existem dissensões no tratamento a sujeitos que evidenciam sua sexualidade no ambiente escolar.

METODOLOGIA, RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Trata-se de uma abordagem qualitativa que visa a compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Para Minayo (2007), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos.

Com o objetivo de buscar compreender se há diferenciação no trato com sujeitos LGBT que evidenciam sua performatividade de gênero no espaço escolar, foram entrevistados quatro sujeitos autodenominados homoafetivos, dois professores (um de gênero masculino e outro de gênero feminino) e dois alunos (um de gênero masculino e outro de gênero feminino), todos vinculados a rede pública de ensino na cidade de Pocinhos - PB.

Inicialmente foram realizadas visitas às escolas Padre Galvão e Afonso Campos, ambas localizadas na referida cidade. As visitas e observações ocorreram entre os meses de julho e dezembro de 2014. Em seguida, estabeleceu-se o diálogo com alunos e professores homoafetivos, solicitando-se aos mesmos uma entrevista. Uma entrevista semi estruturada, com roteiro pré-estabelecido, foi realizada entre os dias 23 e 27 de fevereiro de 2015, por meio de trocas de e-mails, devido à falta de tempo alegada pelos participantes, visto que os professores trabalham e os alunos fazem cursos nos horários opostos às aulas.

Solicitamos aos entrevistados que respondessem individualmente a cada pergunta ou que contemplassem os assuntos de maneira integral em uma única resposta. Para preservarmos a identidade dos sujeitos, optamos por não divulgar seus nomes, atribuindo aos mesmos as iniciais A, B, C e D, como uma forma de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

identificação. Ao longo das entrevistas constatamos que, apesar dos sujeitos declararem não ter sido vítimas de preconceito, discriminação e LGBTfobia, há um reconhecimento de que o "assumir-se" homoafetivo na sociedade (e, em especial, no ambiente escolar) traz implicações e problemas no campo das relações, gerando desconforto e mal estar.

"Pocinhos é uma cidade muito pequena e interiorana dentro do nordeste e da Paraíba, assumir sua sexualidade é matar um leão por dia pois nessas terras o machismo ainda é supremacia absoluta. Se o gay não souber se impor dentro deste ambiente, este ambiente o consumirá." (PROFESSOR B)

Nas falas dos alunos A e C verifica-se a necessidade de apoio familiar e educacional, sendo o professor, a figura mais enfatizada, enquanto mediador das relações, servindo de suporte para estes sujeitos. Como relata um aluno entrevistado: "Tanto há preconceito na escola, como na sociedade e até na própria família. Isso é uma escada, se um deles apresentam algo, os outros tbm vão apresentar". Os professores B e D explicitam que, numa tentativa de evitar conflitos, optaram pela discrição, por não divulgar abertamente sua sexualidade, como declara um professor: "Quando estou em ambiente de trabalho, assumo uma postura profissional de comportamento, mantendo a discrição. Apenas encaro a escola como meu ambiente de trabalho". Esse posicionamento é o que revela uma cultura do "não falar", "não demonstrar", onde falas reproduzem o discurso dominante excludente, eivado de preconceito. Ao longo da referida pesquisa, durante as visitas e observações nas escolas, falas preconceituosas e até LGBTfóbicas se fizeram ouvir, algumas vezes elas quase que "escapuliram" abruptamente: "Menina e ele é gay? Não acredito, ele é tão normal, que estranho."; "Por isso que eles tocam fogo nesses veados, ficam todos se amostrando"; "Para mim, isso é falta de Deus."; "Desde pequeno dá pra ver que aquele menino vai ser veado"; "De ele ser gay eu fico calada, mas não precisa aparecer tanto, isso é um mal exemplo para os alunos"; "Fiquei sabendo que ela é sapatão, uma pena não é? Ela é tão bonita.". Esses são apenas alguns exemplos de falas ouvidas nesses espaços escolares ao longo da pesquisa, partindo de alunos, funcionários e professores.

Entre os fatores que podem influenciar na ocorrência desses casos os autores enfatizam: o tipo de instituição (costuma haver mais tolerância nas escolas públicas); perfil pedagógico (instituições de cunho religioso não costumam aceitar homossexuais em seu quadro de funcionários; o comportamento (professores que se comportam como dita a heteronormatividade, ou seja, não são afeminados, sofrem menos rejeição); dentre outros



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

(Silva, 2014). O referido autor afirma ser comum professores, funcionários do corpo administrativo e os alunos "tolerarem, ou mesmo praticarem, diversas formas de discriminação e violência, considerando tudo como 'brincadeira' e 'coisa de jovens', 'sem importância'" (p. 65), demonstrando que a omissão da escola e a falta de qualificação de professores e funcionários propiciam a recorrência desses episódios. O que podemos constatar na declaração de um aluno homoafetivo de uma dessas escolas:

"A grande verdade é que a escola resolve questões desse assunto de forma superficial. Falo isso por experiência, sou gay e já tive que resolver diversos problemas sem apoio, pois, a escola não tinha condições de interferir, por falta de conhecimento e de estrutura, um verdadeiro déficit em todo corpo docente."
(ALUNO A)

Independente da percepção ou existência da LGBTfobia, as instituições de ensino ao omitir-se das discussões acerca da homossexualidade, acabam por produzir o que a ABGLT (2006) descreve como a invisibilidade dos sujeitos LGBT que cotidianamente as ocupam.

Observamos, por meio das pesquisas teóricas e vivências nas escolas, que a discussão da sexualidade, em todas as suas nuances, no ambiente escolar se mostra urgente. Faz-se necessário um cenário educacional que acolha e debata as desigualdades, que promova a criticidade e a compreensão das diversidades. Precisa-se de uma escola que discuta o preconceito em todas as suas formas, para que alunos e profissionais se sintam acolhidos. Uma escola que promova, junto à sociedade, debates que objetivem à sua transformação, considerando as singularidades dos sujeitos que dela fazem parte.

Quando a Escola evita a abordagem da temática da sexualidade (em toda a sua dinamicidade e complexidade), também evita admitir e discutir, abertamente, a existência de alunos ou professores LGBT. A este respeito Louro (2003) afirma:

"Para o campo educacional, a afirmação desses grupos é profundamente perturbadora. Não dispomos de referências ou de tradições para lidar com os desafios ali ampliados. Não podemos mais simplesmente 'encaminha-los' para os serviços de orientação psicológica para que sejam reconduzidos ao 'bom caminho'. Mas certamente é impossível continuar ignorando-os." (LOURO, 2003, pp. 49-50).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Pesquisando sobre o relacionamento entre professores homoafetivos e alunos e sobre a importância do Professor no combate à homofobia no ambiente escolar, encontramos na declaração de Silva (2014) um indicativo da importância da figura docente nesse contexto:

"Professores não são apenas aqueles que vão ensinar história, português, matemática. São aqueles que poderão levar os alunos a outros pensamentos. Na perspectiva de gênero o professor em sua prática docente pode levar os alunos a pensar do porquê de haver a homofobia, por que homossexuais tem que passar por intolerância de uma sociedade que definiu homem, mulher e formas de se relacionar. É na escola que será possível discutir essas problemáticas, buscando que os alunos possam compreender o que é homossexualidade, incentivando o respeito aos homossexuais independente se ele for seu colega de sala, seu professor ou outro profissional da comunidade escolar." (SILVA, 2014, p. 49)

Nas escolas pesquisadas, observamos que os alunos não oferecem resistência à presença de professores homoafetivos em sala, não percebe-se qualquer tipo de insulto ou desqualificação que faça referência à sexualidade do professor. Vejamos:

" Sobre o fato de haver prof gays, no meu ver n há nenhum empecilho, desde que o msm mantenha a moral e a ética. É comum um aluno gay sentir-se mais a vontade tendo aula com professores gays, mas a regra n infere a todos. " (ALUNO B)

Além da presença professor, "assumidamente LGBT", como um mediador para promover a discussão sobre tolerância e preconceito em sala de aula, também surge a figura do meso enquanto ponto de referência e apoio a alunos que se "descobrem LGBT", conforme expressa um dos alunos entrevistados:

"A questao dos profs gays é algo divino! Tanto que acho que deveria existir uma lei q obrigasse cada escola ter pelo menos 1 prof gay! Me senti mais segura qnd tinha alguem q tinha autoridades sobre os alunos que tbm tinha a mesma condição sexual q a minha. Sempre foram os meus melhores professores, os que eu mais gostava e tbm eram as materias que eu mais me esforçava, sempre nos tornavamos amigos... Ter professores gays, me ajudou bastante tanto a me assumir como a formar a minha personalidade." (ALUNA C)

Algo que não apareceu explicitamente na entrevista, mas que foi possível observar é que os sujeitos LGBT presentes no ambiente escolar, se utilizam da discrição como forma de evasão da repulsa. Torna-se, então conveniente e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

cômodo enquadra-se nos padrões heteronormativos instituídos. Alguns sujeitos, embora se utilizem de uma performance de gênero diferenciada fora do espaço escolar, procuram não demonstrar como "realmente são" nesse território. Assim, sujeitos travestis declaram prender o cabelo e abrir mão de adereços femininos e sujeitos lésbicos disseram se vestirem e se comportarem de forma "mais feminina" a fim de causar "boa impressão" e se manterem aceitas.

A produção discursiva elabora práticas que podem ser socialmente legitimadas ou silenciadas. A linguagem, sendo uma elaboração da performance, não é anterior à mesma. Assim, embora existam sentidos predispostos socialmente, tais sentidos podem ser reconfigurados e transformados através de seu uso (AUSTIN, 1962). Nesse sentido, o sujeito, embora adentre o meio social imerso numa lógica que o precede, é capaz de elaborar outras formas de ser e estar no mundo. O sujeito tem, na performance, uma possibilidade de ressignificação do uso do corpo, estabelecendo uma concepção de si que ultrapassa a lógica binária, podendo constituir-se numa relação de gênero fluida e dinâmica, perpassando espaços outros, que não necessariamente masculino ou feminino. Nessa perspectiva, transpõem-se a ideia de gênero ligado à noção de estabilidade, em que a matriz heterossexual estaria assegurada por dois sexos fixos e coerentes, os quais se opõem como todas as oposições binárias do pensamento ocidental (homem/mulher, masculino/feminino). Gênero, então, seria um ato intencional, um gesto performativo que produz significados (PISCITELLI, 2002). Todavia o gênero não pode ser determinado, de modo simples e natural, enquanto performance, um ato teatral que um sujeito escolhe representar, mas trata-se de uma realização performativa compelida pela sanção social e o tabu (BUTLER, 2010). Ao instituir e legitimar a lógica binária masculino/feminino enquanto única possibilidade viável, a sociedade segrega os sujeitos que não se enquadram em tal lógica, o que carrega uma série de implicações de ordem social, política, psicológica e física para os mesmos.

A Escola, reflete os valores morais da sociedade e tem em si conceitos e preconceitos socialmente difundidos. Além de sua função normatizadora, a Escola é responsável pela formação do sujeito e construção de sua subjetividade, portanto pode ser transformadora, visto que os valores, condutas e regras são socialmente construídas. Sendo a educação construída histórica e socialmente, seus valores e modelos de conduta encarnam os mesmos preconceitos e desigualdades produzidos pela sociedade, seus valores e modelos (MOLINA, 2011).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

CONCLUSÕES

Observamos, que a discriminação explícita ou episódios de LGBTfobia, relacionada aos sujeitos homossexuais são raros. No entanto, em uma das escolas, verificamos que é extremamente comum entre os funcionários a desqualificação de professores homossexuais de acordo com o seu comportamento social. Declarações do tipo "Ele é gay, mas se comporta como homem" ou "A pessoa pode ser gay, mas não precisa ficar com essas baixarias" são constantemente utilizadas para tecer juízo de valor em relação ao profissionalismo de professores assumidamente homossexuais. Outra situação recorrente é o professor ser assumidamente homossexual no meio social e no ambiente escolar negar sua condição ou mesmo evitar tratar do tema sexualidade. Assim, verifica-se que há uma negação do sujeito homossexual, que é fadado a não parecer, não mostrar-se, calar-se, não havendo para este quaisquer possibilidades de pertencimento no âmbito escolar.

A partir da revisão da literatura pertinente à temática proposta no presente trabalho, observou-se relatos de casos de homofobia, apesar de, ao longo da pesquisa, os sujeitos não declararem-se vítimas de qualquer tipo de discriminação resultante de sua condição sexual no ambiente escolar.

Concebendo a concepção de gênero como uma construção social complexa, delineada e reelaborada constantemente por subjetividades atuantes, compreendemos não haver papéis sexuais biologicamente determinados. Assim "O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado [...] tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos." (BUTLER, 2010, p. 25). Nisto, o gênero não opera apenas outorgando penalidades culturais aos corpos sexuados, todavia enclausura o sexo em uma natureza inatingível, inconcebível de crítica e desconstrução. Em Butler encontramos a percepção de gênero enquanto um ato intencional, um gesto performativo que produz significados. (PISCITELLI, 2002). A construção social de gênero se materializa na performance individual de gênero. A existência de identificações não-binárias, além de essencialmente contestadoras, nos leva a fortes questionamentos quanto à estrutura de gênero que 'rege' a sociedade, de forma que não se concebe um modelo universal que dê conta da complexidade e dinamicidade dos sujeitos.

Nesse sentido, o programa *Brasil Sem Homofobia*, poderia emergir enquanto possibilidade na realidade evidenciada nesta pesquisa, dado que o mesmo visa estabelecer o direito e a permanência dos diversos sujeitos (e aqui nos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

reportamos aos sujeitos LGBT, objeto de nosso estudo) estigmatizados e discriminados no espaço escolar. Não verificamos ao longo do estudo, nenhum trabalho destinado à prática de combate à LGBTfobia, preconceito e discriminação ou diálogo sobre sexualidade e gênero, o que vem evidenciar a necessidade premente de se inserir, no contexto escolar, uma discussão responsável acerca das questões de gênero e sexualidade.

O desafio está em se buscar uma educação que problematize os aspectos heteronormativos presentes na formação de nossas identidades sexuais e de gênero, oportunizando aos alunos/sujeitos o questionamento e a desconstrução dos estereótipos concernentes a sexualidade e gênero. É importante compreender que inexiste uma verdade única e universal sobre a sexualidade, daí a necessidade de reavaliarmos os mecanismos de saber-poder que a constituem. Torna-se relevante, portanto, elaborar novos princípios educativos, que nos permita reinventar outras relações com os corpos e os prazeres (FOUCAULT, 2007). Trata-se de afetar e se deixar ser afetado por incontáveis possibilidades de ser e existir no mundo, para além de verdades absolutas, tentando fazer da vida um processo de criação da diferença ou, como elucida Foucault, ensaiar novas estéticas da existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros (ABGLT). **Resoluções do I Congresso da ABGLT: avanços e perspectivas**. Curitiba: Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros, 2006.

BIAGGIO, A.M.B. **Lawrence Kohlberg: ética e educação moral**. São Paulo: Moderna, 2002.

BORGES, Z. N. MEYER, D. E.. **Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 16, n. 58, p. 59-76, jan./mar. 2008.

BORTOLINI, A. **Diversidade sexual na escola**. Rio de Janeiro: Pró--Reitoria de Extensão/UFRJ, 2008.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais.** Brasília: MEC/SEF, 1988.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio.** Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BUTLER, J. **Diagnosticando o gênero.** Traduzido por André Rios. Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro: 2009, p. 95-126.

CECCARELLI, P. R.. **A invenção da homossexualidade.** Revista Bagoas, n.2. UFRN, 2008, p. 71-93.

Conselho Federal de Psicologia. **Resolução 01/1999.** Disponível em http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf (Acesso em 06/03/2015)

DIAZ, M.; CHINAGLIA, M.; DIAZ, J. **Projeto Escola Sem homofobia - Estudo qualitativo sobre a homofobia no ambiente escolar em 11 capitais brasileiras,** 2011. (Arquivo em pdf)

FACCHINI, R. **Entre compassos e descompassos: um olhar para o "campo" e para a "arena" do movimento LGBT brasileiro.** Revista Bagoas, n.4. UFRN, 2009, p. 131-158.

FERNANDES, F. B. M.; GROSSI, M. P. e PEDRO, J. M.. **Estratégias Brasileiras de combate à homofobia na escola (2004-2009).** Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/48918305/46471316-ESTRATEGIAS-BRASILEIRAS-DE-COMBATE-A-HOMOFOBIA-NA-ESCOLA-2004-2009>. (Acesso em 02/03/2015)

FLEURY, A. R. D.; TORRES, A. R. R. **Análise psicossocial do preconceito contra homossexuais** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n4/v24n4a07.pdf> (Acesso em 08/03/2015)

FOUCAULT, M. A. **História da Sexualidade: a vontade de saber.** Traduzido por Maria Tereza da Costa Albuquerque J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: GRAAL, v.1, 2007.

_____ **Dits et écrits - 1954-1988. Vol. III, 1976-1979.** Paris, Gallimard, 1994.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro : LTC Editora, 1989.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

GUZZO, R. S. L. et al. **Psicologia e Educação no Brasil: uma visão da história e possibilidades nessa relação.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2010, vol.26, p.131-141. ISSN 0102-3772.

JUNQUEIRA, R. D. **Homofobia nas escolas: um problema de todos.** Em: Junqueira, R.D. (org). Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: MEC/UNESCO, p. 13-51, 2009.

LIBERATO, L. V. D. **Preconceito, discriminação e segregação: o discurso contra o homossexual no espaço escolar.** Ponta Grossa, 2008. Disponível em http://www.arco-iris.org.br/wp-content/uploads/2010/07/TCC_Luciano-Vitor-Dias-Liberato.pdf (Acesso em 04/03/2015)

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** IN: LOURO, G.L.; NECKEL, J.; GOELLNER, S. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis: Vozes, 2003. p. 28-40.

MARTINEZ, A. M. **Psicologia Escolar e Educacional: compromissos com a educação brasileira.** Psicol. Esc. Educ. (Impr.) [online]. 2009, vol.13, n.1, pp. 169-177.

MARTINS-SILVA, P. O.; SOUZA, E. M.; SILVA JUNIOR, A.; NASCIMENTO, D. B.; BALBINETO, R. **Adolescentes e homossexualidade: representações sociais e identidade social** Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/28> (Acesso em 07/03/2015)

MOLINA, L. **Professores homossexuais: suas vivências frente à comunidade escolar.** Anais do II Simpósio Gênero e Políticas Públicas. Universidade Estadual de Londrina, 18 e 19 de agosto 2011.

NUNES, C. e SILVA, E. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade.** Campinas (SP): Autores Associados, 2000.

OLIVEIRA, R. e SOUSA, C. **Homossexualidade: representações sociais de sexualidade para professores cuiabanos.** Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp099953.pdf> (Acesso em 07/03/2015)



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

PATTO, M. H. S. **Psicologia e ideologia: uma introdução crítica à psicologia escolar.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

SANTOS, C.; RAMOS, M. E. C.; TIMM, F. B.; CABRAL, D. I. G.; LOBO, T. D. de Ma. **Diversidade sexual na escola e a homofobia: a capacitação de professores como estratégia de intervenção.** Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis. 25 a 28 de agosto 2008.

SILVA, F. A. F. da. **Gênero, sexualidade e Direitos Humanos.** V Encontro de Pesquisa Educacional em Pernambuco. 2014.

TONELI, M. J. F. **Homofobia em contextos jovens urbanos: contribuições dos estudos de gêneros.** Revista de Psicologia da Vetor Editorial. v.7, n.2. jul./dez. p. 31-38. 2006.